

## A catástrofe de Beirute



Por **ROBERT FISK\***

*O povo do Líbano enfrenta a combinação terrível de ruína econômica, pandemia e agora uma explosão devastadora*

Há momentos na história de uma nação que estão congelados para sempre. Talvez não sejam as piores catástrofes que atingiram seu povo. Nem a mais política. No entanto, capturam a tragédia sem fim de uma sociedade.

Pompeia vem à mente, quando a confiança imperial e a corrupção de Roma foram subitamente abatidas por um ato de Deus, tão calamitoso que a partir daí podemos contemplar a ruína dos cidadãos, até de seus corpos. É necessária uma imagem, algo que possa focalizar nossa atenção por um breve segundo na loucura que está por trás de uma calamidade humana. O Líbano acabou de nos oferecer esse momento.

Não são os números que importam neste contexto. O sofrimento de Beirute nesta semana não chega nem perto de um banho de sangue casual da guerra civil do país, nem da selvageria quase diária da morte na Síria.

Mesmo que o total de vítimas seja contado – de 10 a 60 para 78 horas pouco após a tragédia – dificilmente alcançariam um recorde na escala Richter da guerra. Aparentemente, não foi uma consequência da guerra, nem no sentido direto que um dos líderes mais loucos do mundo sugeriu.

É a iconografia que será lembrada, e o que todos sabemos que isso representa. Em uma terra que mal consegue lidar com uma pandemia, que existe na sombra do conflito, que enfrenta a fome e aguarda a extinção. As nuvens gêmeas sobre Beirute, uma das quais deu origem ao outro monstruoso nascimento obscuro, jamais serão apagadas.

As imagens coletadas do incêndio, do surto e do apocalipse que as equipes de vídeo flagraram em Beirute se juntam às pinturas medievais que tentam capturar, através da imaginação, e não da tecnologia, os terrores da praga, a guerra, a fome e a morte.

Todos conhecemos o contexto, é claro, o importante “cenário” sem o qual nenhum sofrimento é completo: um país falido, dominado por gerações pelas mãos de velhas famílias venais, esmagado por seus vizinhos, nos quais os ricos escravizam os pobres e sua sociedade é mantida pelo mesmo sectarismo que a está destruindo.

Poderia existir um reflexo mais simbólico de seus pecados do que os explosivos venenosos armazenados tão promiscuamente no centro de sua maior metrópole, cujo primeiro-ministro mais tarde diz que os “responsáveis” – não ele, nem o governo, tenha certeza disso – “pagarão o preço”? E eles ainda não aprenderam, aprenderam?

E, claro, todos sabemos como essa “história” se desenrolará nas próximas horas e dias. A incipiente revolução libanesa de jovens e cidadãos cultos deve certamente adquirir novas forças para derrubar os governantes do Líbano, chamá-los a prestar contas, construir um estado novo e moderno, e confessional, a partir das ruínas da “república” criada pelos franceses, na qual eles foram impiedosamente condenados a nascer.

Bem, tragédia em qualquer escala é um mau substituto para a mudança política. A promessa imediata de Emanuel Macron após os incêndios de terça-feira – que a França “sempre” permanecerá ao lado da nação aleijada que criou com arrogância imperial há cem anos – foi uma das ironias mais comoventes da tragédia, e não apenas porque poucos dias antes, o ministro das Relações Exteriores francês lavara as mãos da economia libanesa.

Nos anos 90, quando planejávamos criar mais um para o Oriente Médio após o *anschluss* do Kuwait por Saddam Hussein, os militares dos EUA (três no meu caso, no norte do Iraque) começaram a conversar conosco sobre “fadiga da

# a terra é redonda

compaixão". Por mais escandaloso que pareça, isso significava que o Ocidente corria o risco de fugir do sofrimento humano. Foi demais: todas essas guerras regionais, ano após ano, e chegaria o momento em que teríamos de fechar as portas da generosidade. Talvez tenha chegado o momento em que os refugiados da região começaram a marchar às centenas de milhares para a Europa, preferindo nossa sociedade à versão oferecida por Ísis.

Mas vamos voltar ao Líbano, onde a compaixão ocidental pode ser muito baixa no chão. A perspectiva histórica sempre pode ser invocada para nos esconder da onda de choque das explosões, da nuvem crescente de cogumelos e da cidade destruída. Pompeia, disseram, custou apenas duas mil vidas. E o terrível lugar de Beirute na antiguidade? Em 551, um terremoto sacudiu Berytus, lar da frota imperial romana no Mediterrâneo Oriental, e destruiu toda a cidade. Segundo as estatísticas da época, 30 mil almas morreram.

As colunas romanas ainda podem ser vistas onde caíram, hoje prostradas a apenas 800 metros da explosão de terça-feira. Podemos até tomar nota da loucura sombria dos ancestrais do Líbano. Quando a tempestade recuou, eles caminharam para o fundo do mar para saquear navios que afundaram muito antes ... apenas para serem engolidos pelo tsunami que se seguiu.

Mas pode qualquer nação moderna – e eu uso a palavra ‘moderno’ de forma prudente no caso do Líbano – ser restaurada em meio a uma combinação tão fétida de angústias? Embora, até agora poupado de mortes em massa por Covid-19, o país enfrenta uma praga com os meios mais deploráveis de socorro.

Os bancos libaneses roubaram as economias das pessoas, seu governo se mostra indigno desse nome, e muito menos de seus constituintes. Kalil Gibran, o mais cáustico de seus poetas, instou-nos a “ter misericórdia da nação cujo estadista é uma raposa, cujo filósofo é um malabarista e cuja arte é a arte de remendar e imitar”.

Quem os libaneses podem imitar agora? Quem escolherá as próximas raposas? Os exércitos têm uma reputação exaurida de suar sapatos sob medida para os potentados árabes; O Líbano tentou isso uma vez antes em sua história, com resultados duvidosos.

Nesta terça-feira, somos chamados a encarar essa explosão monstruosa como uma tragédia nacional – portanto, digna de “um dia de luto”, seja qual for o seu significado – embora eu não tenha deixado de advertir, entre aqueles a quem chamei o Líbano depois o que aconteceu, que alguns salientaram que o local da explosão e os maiores danos pareciam estar no setor cristão de Beirute. Homens e mulheres de todas as religiões morreram na terça-feira, mas isso será um horror especial para uma das maiores minorias do país.

No passado, após numerosas guerras, o mundo – americanos, franceses, OTAN, União Europeia e até o Irã – concordou em ajudar e recuperar o Líbano novamente. Os americanos e franceses foram colocados para fora por atentados suicidas. Mas como os estrangeiros podem restaurar uma nação que parece irrecuperável?

Há uma opacidade no local, uma falta de responsabilidade política que é endêmica o suficiente para se tornar moda. Nunca na história do Líbano foi resolvido um assassinato político – de presidentes, primeiros ou ex-primeiros-ministros, parlamentares ou membros de partidos políticos.

Então, aqui está uma das nações mais educadas da região, com os mais talentosos e corajosos dos povos – e uma das mais generosas e gentis –, abençoada pela neve, montanhas, ruínas romanas, comida excelente, um grande intelecto e uma história milenar. E, no entanto, incapazes de administrar sua própria moeda, fornecer energia elétrica, curar seus doentes ou proteger seu povo.

Como é possível na Terra alguém armazenar 2.700 toneladas de nitrato de amônio por tantos anos em um prédio frágil, depois de removidas de um navio moldavo a caminho de Moçambique em 2014, sem medidas de segurança tomadas por aqueles que decidiram deixar esse vil material no centro de sua própria capital?

E, no entanto, o que nos resta é o inferno imponente com sua onda de choque branca e cancerosa, e depois a segunda nuvem de cogumelo (sem mencionar outras).

Este é o substituto de Kalil Gibran, a inscrição final de todas as guerras. Ela contém o vazio do terror que aflige todos os que vivem no Oriente Médio. E, por um momento, da maneira mais aterradora, o mundo inteiro viu.

**\*Robert Fisk** é jornalista correspondente do jornal britânico The Independent no Oriente Médio.

# a terra é redonda

Tradução: **Ricardo Kobayaski**

Artigo publicado originalmente no [The Independent](#), em 4 de agosto de 2020.

A Terra é Redonda